

# História oral de vida - um caminho de construção da identidade docente

LODI, Ivana Guimarães.

## Resumo

Este texto procura mostrar a importância da utilização da metodologia de História Oral de vida nas investigações científicas, especificamente no entendimento do que nos constitui como professores/educadores e os desafios na sua utilização. Esta metodologia tem sido usada na construção e reconstrução de uma História que “olha” as especificidades, o local e o individual na interação coletiva, de maneira inovadora e desafiadora, tecendo relatos da História muitas vezes esquecida, mas de enorme valor na composição e entendimento daquilo que somos e fazemos como também daquilo que buscamos.

**Palavras-chave:** História Oral; Identidade; Professor.

## Abstract

This present paper aims to show the importance of the usage of Life Oral History Methodology in scientific investigations, particularly to understand what makes us teachers/educators, as well as the challenges in its use. The referred methodology has been used in the construction and reconstruction of some History which “looks at” the specificities, the site and the individuality in the collective interaction, in a innovative and defying way, building up reports of History which may have been once forgotten, but of great value in the composition and awareness of what we are and do and also of what we aim at.

**Key-Words:** Oral History, Identity, Teacher.

# Sobre a autora

**Ivana Guimarães Lodi**

Natural de Araxá – MG

Graduada em Pedagogia e em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araxá – MG.

Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Didática.

Mestra em Educação pela PUC – Campinas.

Professora de Filosofia, Sociologia e Ética no Centro Universitário do Planalto de Araxá.

## **Artigos publicados:**

Para onde vamos? – 1999.

Estamos banalizando a violência? – 1999.

Nossa responsabilidade por aquilo que somos em sociedade. – 2000.

Educação, ética e cidadania. – 2001.

Amar a vida é também uma questão ética. – 2002.

Mulher, sim! – 2003.

Será que temos medo da televisão? – 2003.

Tornar possível o ainda impossível. – 2004.

O ser humano, um ser racional. – 2004.

A cidadania constrói a ética. – 2005.

## **Artigo publicados em livros:**

Educação, ética e cidadania. – 2004.

Reflexões sobre a educação e seus possíveis caminhos. In: *Evidência - olhares e pesquisa em saberes educacionais*, Araxá, 2005, p. 217-229.

# História oral de vida - um caminho de construção da identidade docente

LODI, Ivana Guimarães.

## I - Desafios, dificuldades, caminhos, identidades: quem somos?

*“somos (...) o que fazemos para transformar o que  
somos. A identidade não é uma peça de museu,  
quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa sín-  
tese das contradições nossas de cada dia.”*

**Terezinha Azerêdo Rios**

Vidas e práticas de professores configuram-se em uma das principais temáticas das análises contemporâneas sobre o profissional da educação, por vários autores, pois a compreensão da realidade vem ganhando relevo científico importante, em um momento em que a produção historiográfica valoriza, sobretudo, o exame das especificidades e singularidades locais e pessoais. Entre muito do que se tem dito ou escrito, Dosse (1992) afirma que o conhecimento do passado deve servir à melhor inteligibilidade da nossa realidade atual, subsidiando, desta forma,

a construção de uma História mais participativa, no verdadeiro sentido da palavra, tornando possível hoje, conhecer as diversas faces que compõem a atividade profissional docente.

Ressaltando a importância que se tem dado à constituição de Histórias de vida no processo de investigação e de pesquisas em educação, Laville & Dionne (1999, p. 159) nos dizem que

os documentos redigidos a partir das histórias de vida são, muitas vezes, extremamente vivos: neles descobrem-se pontos de vista originais sobre experiências pessoais, até mesmo íntimas em detalhes. (...) é uma maneira de recolocar o indivíduo no social e na história: inscrita entre a análise psicológica individual e dos sistemas socioculturais, a história de vida permite captar de que modo indivíduos fazem a história e modelam sua sociedade, sendo também modelados por ela.

Investigar Histórias de vida de professores tem sido um rico instrumento de análise, pois cada um daqueles que tece a história da educação no Brasil, constitui-se num ser único, inigualável, em constante processo de se fazer e refazer, numa perspectiva metodológica que valoriza o ser como protagonista da sua vida, mas que de alguma forma interfere em diversas vidas com as quais convive no dia-a-dia. Cada vida é, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão de história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, a síntese histórica de tudo aquilo que nos envolve.

Também é importante, como uma das formas de conhecer e procurar entender as causas de tanto descaso pela profissão, o fato de que, apesar de sermos tão numerosos, ainda somos uma categoria extremamente heterogênea, como também de tantos desafios que permeiam nosso fazer profissional. Esse tipo de investigação nos permite ouvir e contar sobre vidas tão singulares e, ao mesmo tempo, tão coletivas. Quanto a isso, Nóvoa (1997 p. 09) nos chama a atenção,

para as vidas dos professores que constituíram, durante muitos anos, uma espécie de 'paradigma perdido' da investigação educacional. Hoje

sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana.

A identidade de cada pessoa é formada por um corpo físico, um corpo emocional e um corpo histórico-social que se modificam no decorrer da vida. Mudamos de lugar, de opinião, de profissão, no nosso modo de agir, de vestir; mudamos como pessoas, ousamos, reinventamos formas, atribuímos significados, dispomos-nos a enfrentar a aventura de viver.

Por tudo isso, é preciso indagar, entender e questionar a identidade do professor, sobre como nos fizemos e quem somos como profissionais. É preciso entender sobre nossa formação no que diz respeito ao exercício da docência, sobre o como vemos e vivemos esta relação e até que ponto fomos preparados e formados para sermos formadores. É preciso questionar e entender qual é a influência da vida pessoal e escolar na escolha e na nossa ação diária profissional, e na nossa formação docente. Afinal,

fomos um dia o que alguma educação nos fez. E estaremos sendo, a cada momento de nossas vidas, o que fazemos com a educação que praticamos e o que os círculos de buscadores de saber com os quais nos envolvemos está continuamente criando em nós e fazendo conosco (BRANDÃO, 2000, p. 451).

Na busca por compreender o processo de formação e ação profissional docente em meio a tantas crises atuais, a literatura nos remete à obra de Fontana (2003, p. 48), que tece considerações importantes sobre essa trajetória:

Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e exterior do corpo docente. Nesse processo, vão constituindo seu “ser profissional”, na adesão a um projeto histórico

de escolarização. Somente o distanciamento da experiência imediata e o confronto com outras perspectivas emergentes na prática social tomam possível a esse indivíduo perceber-se no contexto em que foi se constituindo professor/professora, analisar a emergência, a articulação e a superação das muitas vozes e das categorias por elas produzidas, para significar os processos culturais, e então criticar-se (ou não) e rever-se (ou não), aderindo (ou não) a um projeto de escolarização.

## II - O que nos constitui como professores?

Neste pensar ou re-pensar a nossa prática pedagógica, é possível analisarmos os efeitos diretos e indiretos que foram nos constituindo enquanto professora ou professor. Neste contexto, Larrosa (1999, p. 52) discute que “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos de nós mesmos (...), em particular das construções de narrativas nas quais, cada um de nós é ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”.

Diversos fatores influenciam e, às vezes, determinam o nosso modo de ser, de pensar, de agir, ao longo de nossa vida profissional. Como Freire nos leva a pensar, “ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte” (2001, p.79). Aquilo que nos tornamos é fruto de um processo temporal marcado pela construção permanente e pela sedimentação do saber profissional. Está claro que “em cada escolha pedagógica feita, há algo de nós, de nossas crenças e esperanças, de nossas descrenças e desânimos. Há muito de nossa história individual e coletiva” (ARROYO, 2000, p. 45).

Só poderemos penetrar verdadeiramente na análise sobre a formação docente e de sua prática educativa, quando contemplarmos o professor, levando em consideração sua subjetividade, sua história, sua vida e que “as concepções sobre práticas docentes não se formam nos cursos de formação, encontram-se enraizadas nos contextos e histórias individuais que antecedem até mesmo a entrada na escola

e estendendo-se por toda a vida” (CASTANHO, 2002, p. 155).

A construção de nossa identidade pessoal e profissional é um emaranhado de todas as relações que vivemos, que se mesclam e produzem múltiplas ambigüidades e contradições, vão se entrelaçando, tecendo, trazendo à tona todos os momentos de alegrias, tristezas, harmonia, tensão, dúvidas, realizações, fazeres, que fazem parte de nossa vida, desde que começamos a viver e a nos constituir como pessoas.

Pimenta & Anastasiou (2002, p. 77) definem a construção da identidade docente, da seguinte forma:

Uma identidade profissional se constrói, pois, com base na significação social da profissão; na revisão constante dos significados sociais da profissão; na revisão das tradições. Mas também com base na reafirmação de práticas consagradas culturalmente que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações, porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Identidade que se constrói com base no confronto entre as teorias e as práticas, na análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, na construção de novas teorias. Constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim, como mediante sua rede de relações com outros professores, nas instituições de ensino, nos sindicatos e em outros agrupamentos.

Tudo isso nos mostra que a identidade docente é constituída por vários elementos que, ao longo de nossa vida, vão modelando nossa formação como professores, num movimento contínuo e dialético, em que algumas características são generalizadas e muitas são singulares, únicas. Especialmente, nos tempos atuais, muitas são as questões cruciais que se colocam para aqueles que trabalham com educação, podendo ser pensadas através dos saberes que os professores devem dominar, de como esses saberes podem ser alcançados, de qual educação se quer de-

envolver, de qual sociedade estamos buscando e finalmente, como encontrar as possibilidades para a transformação que queremos (NORONHA, 2002). Tudo, interferindo de alguma forma em nossa identidade como docentes.

### III - Por que analisar Histórias de vida?

Analisar histórias de vida de professores assume hoje uma tentativa que, ao ampliar os estudos sobre os processos educativos, possibilita a revelação de uma trajetória de realizações, questionamentos, perplexidades, opções, caminhos e possibilidades que compõem a vida de todos os que estão inseridos no processo de ser professores e que interferem de forma direta no seu exercício profissional. Assim, concordamos com Fonseca (2003, p. 43), quando diz que

(...) as investigações pedagógicas, que até pouco tempo “insistiam” em estudar a educação, a escola e o ensino, ignorando o professor, hoje tentam colocá-lo no centro dos debates. Isso decorre do reconhecimento de uma questão óbvia: não há educação ou ensino sem professor, e o professor é uma pessoa.

A História Oral de vida tem sido um rico instrumento metodológico na análise e discussão de fatores que compõem a constituição do profissional docente, pois todo o processo de recordar pode tornar-se construtivo, dependendo do que se vive no presente, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje, as experiências do passado” (Idem, p. 43). Ecléa Bosi, professora titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho na USP, em seus estudos sobre a constituição da memória no tempo histórico-biográfico, nos mostra que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (1987, p. 39). Para essa professora, a memória nunca será um retrato fiel do passado, mas sempre uma reconstituição deste, tendo em vista o tempo atual, “a memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1987, p. 37).



Portelli (1997, *apud* GUEDES-PINTO, 2002, p. 104), enfatiza que “trabalhar com memória significa trabalhar com algo que está em processo e com um processo que é singular”, cada narrativa, cada lembrar, são únicos, próprios. Continua esse autor:

Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são — assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes — exatamente iguais. (PORTELLI, 1997, p. 16, *apud* GUEDES-PINTO, 2002, p. 105)

Fazer História Oral de vida de professores consiste numa busca de produção científica com análises, na qual os protagonistas/sujeitos de sua história expressam e enfatizam diferentes sentidos às suas experiências, revelando como suas produções e práticas profissionais estão diretamente ligadas ao modo característico de cada um ser, viver e se formar. A História Oral de vida é uma experiência viva, um ato humano em que a busca e a descoberta permeiam todo trabalho do oralista, colocando toda a sua atenção no sujeito, já que toda voz individual forma parte de um diálogo, de um encontro. É o ouvir, o permitir falar, o conversar com o outro, “numa iluminação indireta (que) pode revelar detalhes que até à resplandecente luz do sol escaparam” (LACERDA, 2001, p. 143).

Portanto, a utilização dessa metodologia permite que o testemunho seja o mais fiel ao que temos de mais profundo em nosso ser, pois, “nesse movimento, em que a reflexão sobre as experiências vividas se torna um elemento forte, os professores têm a oportunidade de reverem e reavaliarem seus (próprios) percursos” (GUEDES-PINTO et. al. 2005, p.69), não só de vida, mas também, de exercí-

cio profissional.

Tardif (2002), um importante pesquisador canadense, nos mostra que a atividade dos professores é um exercício profissional complexo, composto, na realidade, de várias atividades pouco visíveis socialmente. A experiência constitui a expressão de aprendizagem profissional e, pelo contato diário com os alunos e os colegas, torna-se o modo de adquirir competências profissionais que se traduzem no perfil do “bom professor”. Reportando-nos às suas palavras, “um professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura” (2002, p. 265).

Investigar a História de vida do professor, na medida em que se aborda e se valoriza a sua história pessoal e humana, tem sido, hoje, objeto de grande valor dentro das novas propostas educativas que valorizam, amplamente, a história contada a partir do singular e da valorização da realidade vivida pelos profissionais da educação. Vale lembrar que:

No tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história. Falas desejos, movimentos, formas perdidas na memória. No tempo nos constituímos, relembramos, repetimo-nos e nos transformamos, capitulamos e resistimos, mediados pelo outro, mediados pelas práticas e significados de nossa cultura. No tempo, vivemos o sofrimento e a desestabilização, as perdas, a alegria e a desilusão. Nesse moto contínuo, nesse jogo inquieto, está em constituição nosso “ser profissional”. (FONTANA, 2003, p.180)

## IV - Por que pensar e refletir sobre os formadores através da História oral?

Cada um de nós constitui-se ao mesmo tempo, em síntese pessoal, individual e ativa de nossas vivências, um constante apropriar-se e re-apropriar-se, de maneira singular, de tudo aquilo que nos envolve e nos constrói numa cons-

tante dialética do eu ao mundo e do mundo ao eu.

A perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano configura a construção da condição humana exatamente nesta dimensão: as relações do homem com a sociedade e suas interfaces cultural e política. Neste enfoque, o indivíduo é um ser histórico-cultural e todo o seu desenvolvimento, no percurso de sua existência faz-se em meio a processos diferenciados e interligados aos padrões culturais, morais e sociais. Esse modo de pensar o homem leva-nos a refletir sobre o papel de sua ação no meio em que vive. Mediante sua atuação, o homem transforma o seu meio, mas também é transformado por ele.

Nesta perspectiva, a utilização da metodologia de História Oral, coloca-se como um excelente método de pesquisa, ao mesmo tempo em que tem sido um grande desafio para os historiadores que se propõem a utilizá-la. A modalidade oral foi utilizada, desde tempos remotos, como o único meio de guardar as tradições culturais dos povos.

Joutard (2002) destaca que o pesquisador/entrevistador em História Oral precisa, em primeiro lugar, reconhecer sua subjetividade como a primeira manifestação do espírito humano, tomando cuidado para não perder a lucidez no percurso metodológico, como também não esquecer que a qualidade de qualquer entrevista depende de seu envolvimento.

Vale lembrar também que, a História Oral apresenta alguns desafios que devem ser considerados: a dificuldade em acompanhar a rápida evolução das tecnologias; a necessidade de fazer reflexão metodológica sob a luz de disciplinas afins, tais como a sociologia; a etnologia; a Linguística e disciplinas afins; a busca em articular e dialogar com diversas produções em História Oral; o dar voz aos excluídos, num mundo que valoriza a civilização escrita e que tem poder econômico, situações históricas que acarretam profundo traumatismo na memória e, o nunca se esquecer de que, por ser uma ciência dos homens no tempo, a História deve ser também uma arte.

Quanto a isso, recorremos a Neves (2003, p. 28), ao nos dizer que

na verdade, nenhuma história da humanidade ao longo dos tempos, é oral. A História da humanidade, em sua concretude, constitui-se pela inter-relação de fatos, processos e dinâmicas que, através da dialética, transformam as condições de vida do ser humano ou as mantêm como estão.

Ao fazer opção pela metodologia de História oral, estaremos, ao mesmo tempo, adotando um percurso metodológico rico em possibilidades, belo em sua extensão e realização, mas desafiante e complexo quando nos coloca diante de toda essa dinâmica do viver, fazer e contar a História. A História Oral de vida é uma rica possibilidade na transmissão de experiências, via narrativas do próprio sujeito.

Segundo Thompson (1992), a pesquisa em História Oral garante a mudança de enfoque nas pesquisas científicas, permitindo uma relação direta entre o sujeito investigador e o sujeito investigado. Diz ele que:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 1992, p. 44)

Este autor nos alerta para a necessidade de desenvolver sensibilidade às pressões sociais que envolvem cada um dos depoentes. Essas pressões estão relacionadas aos lugares sociais de onde falam. Portanto, utilizar o processo metodológico de História Oral é buscar, pela construção de fontes e documentos, registrar, através das narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. “Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas sim o registro de depoimentos sobre essa história vivida” (NEVES, 2003, p. 6).

Ao utilizar se esta metodologia, estamos construindo relatos de pessoas

reais, que vivem e constroem diariamente a própria História. Estamos partindo de “homens ativos, reais, (...) que têm como base o seu processo vital, real, o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e ecos deste processo vital... Não é a consciência que determina a vida, e sim a vida que determina a consciência” (SCHAFF, 1967, p. 55), numa clara análise do que Marx defendia ao elaborar sua teoria, ressaltando os homens como seres ativos que interferem e sofrem interferência do meio em que vivem e atuam.

Retomando Thompson (1992, p. 137), esta metodologia nos permite penetrar mais nos fatos, muitas vezes adormecidos e pouco valorizados, pois

(...) a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. (...) A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.

A História Oral, enquanto método de investigação permite-nos recuperar a narração, possibilitando o ato de rememorar, de promover encontros entre os sujeitos para compartilhar suas lembranças e experiências, em forma oral e escrita.

É uma metodologia que permite ao outro se mostrar, contar, lembrar, sem a interferência de agentes externos significativos, numa busca de escrever histórias humanas, diferentes, únicas.

Também é importante ressaltar que o processo de recordar é construtivo e depende do momento presente, na construção/reconstrução de História Oral de vida, “um mundo de vivências, de contradições e de projetos que não vingaram pode chegar até nós, não como realmente existiu, mas como foi experienciado e como, hoje, é visto retrospectivamente” (FONSECA, 2003, p. 40), daí sua riqueza e originalidade, sem perder a verdadeira essência dos fatos. “Não é a História em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória” (NEVES, 2003, p. 30).

A História Oral inscreve-se entre os vários procedimentos de pesquisa do

método qualitativo, por ser um trabalho que permite contemplar uma visão totalizadora dos processos que constituem a escrita da História. Como nos confirma Rey (2001), a abordagem qualitativa no estudo da subjetividade volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivo a predição, a descrição e o controle.

Desse modo, se pensamos em aprofundar nosso conhecimento sobre um tema que envolve aspectos individuais e relacionais, como é o caso dos relatos humanos, não podemos nos fundamentar apenas nos princípios da racionalidade científica. Os valores, os pensamentos e as expectativas dos envolvidos na pesquisa, não podem ser submetidos a normas padronizadas. Supõem uma subjetividade individual e também social. Para Rey (2001), a ciência não é só racionalidade, é subjetividade em tudo o que o termo implica, é emoção, individualização, contradição, enfim, é expressão íntegra do fluxo da vida humana.

Tudo isso nos mostra que são inúmeros e diferentes os desafios que envolvem a utilização da metodologia da História Oral, pois se referem aos limites e perspectivas da pesquisa histórica do tempo presente. Esta metodologia exige do pesquisador a sensibilidade para saber quando deve falar, ou quando deve perguntar, como também, alternativas que não o tornem refém dos depoimentos que estão sendo colhidos, tais que prejudiquem a sua capacidade de analisar os fatos e os dados levantados.

O maior desafio para a História Oral, daí também sua riqueza, é pegar emprestada a memória, contribuindo para que as lembranças não se apaguem ou morram, mas vivam e se manifestem, não como forma apenas de exaltar ou simplesmente contar o que passou, mas sim como um meio de expressar a vida, suas interrogações, suas contradições, suas construções e práticas diárias, comuns, mas que fazem Histórias dia-a-dia.

Acreditamos que através da História Oral de vida é possível redigir um documento que na medida em que registra vivências singulares, também a própria vida social se expressa. Através de relatos de Histórias de vida, podemos descobrir

diversas manifestações do coletivo e do que existe de individual e único numa pessoa.

Assim, a História Oral representa a realidade com todas as diferenças, explorando as relações entre memória e História e colocando em evidência a construção de atores de sua própria identidade. Também reconhece que lembrar é uma arte individual que é redimensionada pelas relações entre passado e presente, manifestadas através das representações sociais, políticas, ideológicas, enfim, singulares de cada narrador.

## Referências

---

- ARROYO, Miguel G. Essas escolhas têm uma longa história. In: **Caderno do Professor**. CERP/SEE – MG, n. 5, março de 2000.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
- BRANDÃO, Carlos R. Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria. In: AZEVEDO, José Clóvis, GENTIL, Pablo, KRUG, Andréa et.al. (Orgs). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000.
- CASTANHO, Maria Eugênia. “Sobre professores marcantes”. In: CASTANHO, Sérgio, CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.) **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2.ed. Campinas: Papirus, 2002. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- DOSSE, François. **A história em migalhas: dos “Annales” à “Nova História”**. Tradução de Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. Campinas: Papirus, 2003.

FONTANA, Roseli Cação. **Como nos tornamos professoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissional**. Campinas: Mercado das Letras: Faep/Unicamp: São Paulo: Fapesp, 2002.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia et. all. “Percurso de letramento dos professores: narrativas em foco”. In: KLEIMAN, Angela B. e MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Orgs.) **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 65-92.

JOUTARD, Philippe. “História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. (Orgs.) **Usos e abusos em história oral**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

LACERDA, Nilma Gonçalves. **Manual de tapeçaria**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana – danças piruetas e mascaradas**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean. (adaptação da obra: Lana Mara Siman). **A construção do saber – Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória e história – potencialidades da História Oral. In: **ArtCultura**. UFU – Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia – MG, vol. 5, n. 6, jan-jun – 2003. p. 27-38.

NORONHA, Olinda Maria. **Políticas neoliberais, conhecimento e educação**. Campinas: Alínea, 2002.

134

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido, ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.



REY, F. L. Gonzales. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 24, 2001, Caxambu. **Anais**. ANPEd, Caxambu, 2001. Disponível em: <http://www.anped.org.br/24/te.htm>. Acesso em out. 2003.

SCHAFF, Adam. A concepção marxista do indivíduo. In. SCHAFF, Adam. **O marxismo e o indivíduo**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1967.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON, Paul E. **A voz do passado**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

